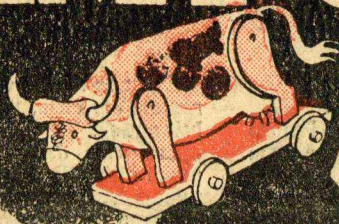


# DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 642



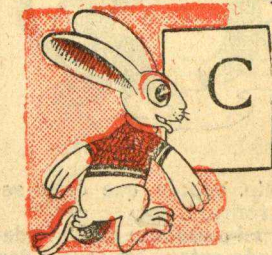
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SÉCULO**  
ARONDO

## AS MIRAGENS do DESERTO

Por ISABEL AREOSA

AÍÁ a noite.

A caravana parou. Alguns serviçais pretos começaram a armar as tendas. Outros foram apanhar ervas secas para acenderem fogueiras, em volta do acampamento. Todos se sentiam deprimidos pela extensa jornada.. Haviam andado centenas de quilómetros, em camioneta, sobre as areias dos confins de deserto de Kalahari.



Mr. John Smith, o chefe e o único braço da caravana, propunha-se passar três meses internado no deserto. Era negociante de peles e ele próprio caçava os animais cujas peles depois exportava para Inglaterra. A sua caravana compunha-se de três camionetas, dois motoristas negros e dez serviçais igualmente negros, adextrados na caça. Uma das camionetas transportava as tendas e munições, as outras duas os viveres para três meses, pois que naquelas paragens nada teriam para comer, além da carne da caça.

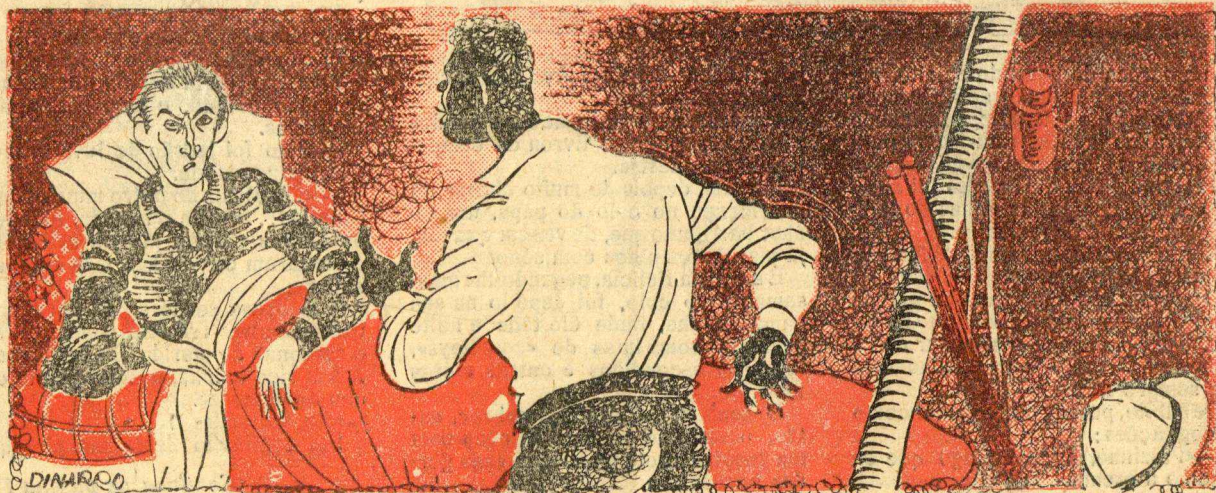
O deserto do Kalahari fica situado ao sul de Angola e é uma extensa planície de areia sem um único oásis, sem a sombra dum coqueiro, sem uma gota de água. Ali tudo e desolação e aridez. Os animais que nêle habitam alimentam-se dumã erva rasteirinha que cobre a superfície da areia em muitos pontos e podem passar muito dias sem beber porque, de madrugada, a erva está coberta de orvalho. Essa humidade, que cai durante tôda a noite, chama-se ca-



cimbo. Mas quando a sêde os aperta, procuram as poças de água que ficam das chuvadas e a que os pretos chamam «mololas». A Molola das Gungas é uma das maiores e é assim designada por ser hábito dos antílopes, chamados gungas, costumarem ir lá beber.

A gunga é muito grande. Há espécimens que chegam a atingir mil quilos. É muito variada a fauna daquelas regiões. Nelas habitam o avestruz, o rinoceronte, a raposa, o mabeco, espécie de chacal, a hiena, a zêbra e uma diversidade enorme de antílopes — cembos, ongiros, gungas, guelengues e a springbok a que nós chamamos cabra-leque. A springbok é um animalzinho do tamanho duma cabrinha.

(Continua na página 4)

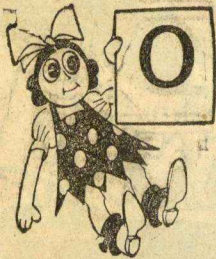


DINARCO



# O LADRÃO DE LUVA BRANCA

DOR ANTONIO DIAS MIGUEL



S gordos Pelhas acordaram nesse dia em maré de sorte. Ainda Dona Radegundes mal abriu a portigo da porta que dava para o quintal, e já os seus ouvidos sentiam pronunciar o

seu lindo nome.

Era D. Carlota Aniceta, a sua senhoria.

— «Tão cedo... As onze da manhã, que desejaria a gentil senhora?!»

Uma crise que até fez cair das núbvens a rubicunda dama:

— «Convidá-la a assistir ao jantar de anos do Gervazinho!...»

Imaginem que boa nova...

— «Com todo o gôsto, minha senhora!...»

Como a festa tardava à D. Radegundes!...

— «As 5 horas, já o Zêquinha andava de roda do senhor Bonifácio, a puxar-lhe pelas calças.

Os cabelos luzidíof que circunda-

E pouco tempo volvido, já êles apreciavam em casa, muito anchos com o brinquedo.

Era uma daquelas gaitas com um papel cilíndrico enrolado, que se costumam vender nas feiras. Assoprando-se, a gaita chiava e o papel desdobrava-se até ficar cheinho de ar, como as tripas de porco que, às vezes, se vêem penduradas às portas das lojas do pequeno comércio.

Chegou, finalmente, a hora de jantar.

Gervazinho achou lugar entre o senhor Bonifácio Malefício Cebola e o Zéca Caneca Cabeçudo, como êle os crismara.

Parecia que um furacão assolara a a mesa da casa de jantar. Garfos, guardanapos, facas, tudo andava pelos ares, lançado pela mão dextra do irrequieto.

Até a gaita não fôra poupada, indo cair no prato da sôpa do senhor Bonifácio, que se entornou nas calças do pobre homem.

Ao sentir molhadas as ditas, os raros cabelos da sua cabeça puzeram-se de novo em pé, enquanto a voz roufenha traduzia a mágoa que o possuía:

— «As minhas ricas calças novas! Tinham só quinze anos, e ainda sem

— «São horas de recolher a «pena-tes».

— «Se nos dão licença, nós retiramo-nos, muito agradecidos com a gentileza de V. Ex.<sup>a</sup>.»

— «O quê?! Será possível já nos deixarem?»



— «Augusto, acorda que êstes senhores vão retirar!...»

Qual não foi o espanto de D. Radegundes, quando entrou em casa e deu pela falta da sua colcha de damasco.

Parecia-lhe ainda estar a vê-la, enrodilhada aos pés da cama, porque não tivera tempo de a compôr.

— «Ladrões?... Mas quem e como, se deixara as portas fechadas?!...»

Mistério, na verdade!

Nova surpresa estava reservada à desconforme senhora.

Depois de ter deitado o filho, viu pela porta que dava acesso à cozinha, a cafeteira tombada no chão.

Aproximando-se mais, mais notou que o pacote do açúcar, entornara-se pela casa.

— «Gulosos!... Pois atrever-se-iam a beber o leite... com açúcar?! Já era pouca vergonha!»

Ela bebia-o sem ser doce para ser mais económico... e os ladrões... era o que se via!... Se ela os apanhasse!

Mas qual! Viu debaixo das camas, em todo o lado, e nem vestígios de meliantes.

— «Isto foi ladrão de luva branca» choramingava ela.

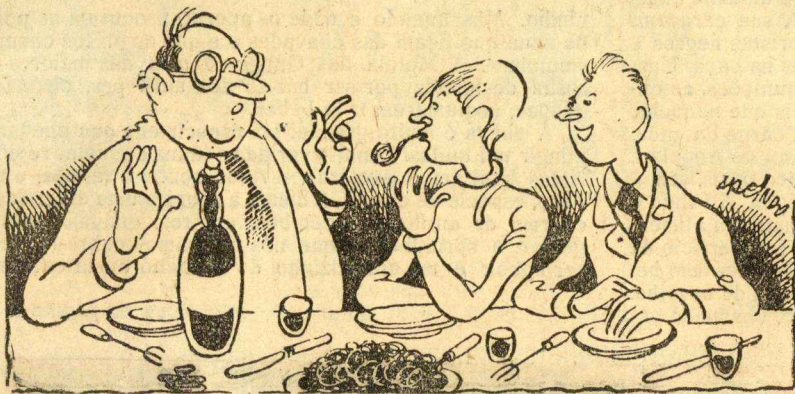
— «Ou almas do outro mundo, quem sabe lá!...» dizia o marido, limpando os olhitos piscos, já sem as lunetas. Acordaram os vizinhos, mas êles nada sabiam.

A medrosa senhora não dormiu em tôda a noite. Tremeu, gemeu... Até o ressonar do marido lhe fazia susto. A sua rica colcha, a sua riquinha colcho de damasco.

«Ah, malandros!...»

Foi cogitando desta maneira que,

(Continua na página 7)



vam a careca do honrado sujeito, punham-se em pé, como se estivessem electrizados e o seu nariz, guarnecido de elegantes lunetas futuristas, para serviços dos olhos, a-pesar-de não possuírem lentes, muitas vezes foi agredido pelas compridas unhas do indicador direito do cavalheiro.

A sua testa deitava mais água que a bica da fonte em tempo de seca.

O homenzinho magicava na prenda que se havia de comprar ao Gervazinho, porque não queria gastar muito dinheiro... como bom economista que sempre fôra.

De súbito, porém, o filho arrancou-o às cogitações:

— «Paizinho, anda comigo que eu escolho a prenda.»

uma nódoa!... Com franqueza, com franqueza!...

Gervazinho, a-pesar-de ser o dia dos seus anos, não se livrou da competente sova mestra.

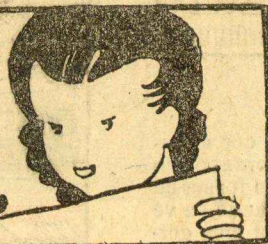
Por fim, depois de muito chorar, lá adormeceu no colo do papá, um senhor barrigudo que, de vez em quando, já piscava os olhos com sôno.

E a criada Felícia, pegando-lhe mansamente ao colo, foi depô-lo na sua cama fofinha, onde êle tôda a noite sonharia com lutas de «cow-boys», tesouros escondidos e outras coisas mais.

O senhor Bonifácio, quebrou, então, o silêncio tocando da cêna com um suspiro prolongado das suas gordas bochechas.



# Lê, minha menina...



por GRACIETTE BRANCO

Venho, hoje, mais uma vez, bater á porta de oiro do teu generoso coração, minha querida Menina Portuguesa. Tu, a quem um riquíssimo legado de qualidades morais, fizeram a mais perfeita Menina de todo o Mundo e cujas mãos, como fadas milagrosas, talvez inspiradas nos matizes dos nossos campos e nas filigranas do nosso Sol, são as obreiras prodigiosas da agulha, — não vais negar-me o pedido que te venho fazer.

Nas horas que te sobejam, entre o estudo, a refeição e o recreio — um dia tem tantas horas! — executaí roupinhas para crianças pobres.

Quantas criancinhas nascem sem roupa para vestir, sem um enxovalinho, embora modesto, aguardando a chegada dos seus corpinhos em flôr!

Pensai nelas, minha querida menina portuguesa, fazei bater o vosso coração generoso, em fortes pancadas de compaixão e piedade. E a vossa esmola, simples e significativa, cairá, como bálsamo redentor, no coração de Deus.

Vossa amiguinha

Graciette

## CORRESPONDÊNCIA

**Marilia Torres** — Gostei muito da tua cartinha, minha querida Marilia. És muito simpática e agrada-me a certeza que tens, de modificar todos os defeitos. Continua fazendo o possível por conter essa exaltação de génio, que tanto pode prejudicar-te pela vida fóra.

Disparatas, arrelias-te e depois arrependes-te. Se te arrependes, minha querida Marilia, para que repetes as mesmas desagradáveis cenas? O domínio sôbre nós próprios, a força de vontade, são os factores importantes para a boa orientação da vossa personalidade. Vai sempre refreando-te.

Quando sentires o teu génio a ferver como água em cachão... pensa em mim, lembra-te que o meu pensamento está a teu lado, a vigiar-te, a observar-te detidamente e modera os teus ímpetos que não são próprios do teu espírito consciente e sensato, Muitas saúddades.

**Ruth Celeste Ferrão** — Patetinha que tu és!... Nunca me maço com as tuas cartas, acredita. Tenho até imenso prazer em recebê-las, Vou enviar-te o que pedes.

**Adelaide Maria Martins** — Então por causa dos meus bons conselhos, já não comes açúcar ás colheradas. Muito bem. Beijinhos.

**Maria Francisca Vasque de Lima** — Não, Maria Francisca. Assim não gosto de ti. Lembra-te que os teus Pais pagam todos os meses ás tuas professoras e que não há direito de seres tão mandriona e preguiçosa. Peço-te que te emendes, que é a única maneira de conservares a minha amizade. Um beijinho.

**Maria Papoila** — Lagos — Não gosto que me trates por madame. Não

fica bem na tua boca de menina Portuguesa. Trata-me pelo meu nome.

Que triste eu estou com a tua carta! Tanto defeito em tão pouca idade. Mas se tu reconheces tão bem os teus defeitos, porque não te modificas? Ouve, Maria Papoila; recolhe-te, espiritualmente durante algumas horas, mede a intensidade dos teus defeitos e pensa no destino que terás, espalhando, apenas, em tua volta, maldade e antipatia.

Por tudo te peço que te modifiques.

Estuda com interesse; adquire, força de vontade enquanto é tempo; Faze-te simpática para todos, com bondade de coração e nobreza de carácter Mas começa já. Se não te modificas imediatamente, alastrará a fama da tua antipatia e todos se afastarão de ti com desprezo e aversão.

Deixa os romances e a dança que só te poderão ser prejudiciais.

Terás tempo para ler bons livros e horas alegres para dançar quando os teus estudos não sejam prejudicados com isso.

Continua a escrever-me. Fico preocupada a teu respeito.

**Maria Arminda** — Mangualde — Não estejas preocupada com o exame. Se a tua Professora te afirma que só te levará a exame devidamente habilitada, debes confiar nela. Não te sugstiones. Vai para o exame bem disposta e alegre. Tudo há-de correr bem. Estou satisfeita pelo entusiasmo que tens por esta secção. Beijinhos.—

**Aurora Viegas Cerqueira** — Com que então és muito respondona, hein? Isso é muito feio. Uma menina que tem tantas qualidades: obediente, sincera, esmoler, — não pode ser respondona, porque, com tal defeito, destroi tôdas as qualidades.

Tu vais prometer-me não ser mais

## Concursos quinzenais de Poesias e contos infantis

Acusamos a recepção das seguintes provas, destinadas á 5.ª Quilzena dos nossos concursos de Poesias e Contos infantis:

**POESIA** : — *Castigo merecido* — por Jorval, *Canção do Pim-Pam-Pum* — do mesmo Autor, *Portugal* — por Bitá, *Quem é, quem é?* — (*Diálogo*) por Fernando de Azevedo Carneiro, *Canção da Primavera* — por Carlos Pires, *O Ardina* — idem, *O conto do jovem português* — por Oliveira da Serra, *Soneto (a um emigrante)* — por Carlo, *O Engeitado* — por J. Fernandes, *Ter instrução* — por Oldmeotnlp, *Curiosidade* — por Xico Dias.

**CONTO** — *A princesa das pedras lindas* por Maria Eduarda Dias Cajado, *O ladrão de luva branca* — por Binómio Sepulveda, *Não fui eu!*... — por Carlo, *Na casinha dos brinquedos* — por M. G., *Se eu soubera* — por Oldina Damlases, *O Ferro e a Rádio* — da mesma autora, *Fé* — por Frel Binómio, *Quadro* — por Belroa Altiva, *Os peixinhos encarnados* — por J. Fernandes, *A gratidão do João* — por Pardal alfaiçinha.

### Decisão do Júri

Dos trabalhos acima mencionados, o Júri resolveu conferir apenas menções honoras ás seguintes produções, que irá publicando oportunamente;

### Poesia

*Curiosidade* — por Xico Dias.  
*Ter instrução* — por Oldmeotnlp.  
*O Ardina* — por Carlos Pires.  
*Castigo merecido* — por Jorval e *Canção do Pim-Pam-Pum*, do mesmo Autor.

### Conto

*O ladrão de luva branca* — por Binómio Sepulveda.  
*Não fui eu!*... — por Carlo.  
*Na casinha dos brinquedos* — por M. G.  
*O Ferro e a Rádio* — por Oldina Damlases.  
*Quadro* — por Belroa altiva.

## A N E D O T A

— « Não é verdade, avôzinho — pergunta o Toneca — que tem uma grande vontade de entrar na confeitaria e comer um pastel? »

— « Quem te disse isso, meu maganãozinho? »

— « A voz do sangue! » — responde o Toneca.

respondona. Sim? Prometes? Tenho a certeza que sim.

O meu Filho também te envia um beijinho. Escreve sempre. —

**Maria João d' Agonia Caliar** — Muito interessantes e bem feitos os versos que me dedicaste. Um grande xicoração. Acredita que sou muito tua amiga. Beijinhos. —

**Triste da Beira Serra**. — Com muita pena te digo que os teus versinhos não estão bem feitos. A idéa inspiradora é interessante e a rima natural e certa.

A métrica é que os prejudica muito. Como me pedes para os emendar, vou tratar disso e depois envi-utos, queres? Não desanimes, aprende e continua. Beijinhos. —

Graciette



## AS MIRAGENS DO DESERTO

(Continuado da página 1)

É tímida, de olhar meigo. Tem o pêlo amarelo, côr de tabaco, duas listas escuras e uma crista de pêlos brancos no lombo. Quando morre, essa crista branca abre em forma de leque e daí lhe vem o nome de cabra-leque. Quando se vê perseguida, as suas frágeis pernas empreendem uma correria louca, entremeada de saltos artísticos. Um automóvel, com tôda a velocidade, dificilmente a apanha. A sua pele é muito apreciada para a confecção de tapetes e mantas de viagem.

Mr. John Smith desde muito pequeno que se habituara à vida nômade de caçador. Para êle a sua arriscada profissão, cheia de imprevisto, era um divertimento. O mesmo já não sucedia, aos negros da sua comitiva; iam ali ganhar um sôlido e nada os prendia à empresa de que tomavam parte. Sômente Mayombe, o servo fiel que sempre acompanhara Smith nas suas caçadas, tinha uma espécie de veneração pelo seu amo, a quem obedecia, como um cão ao seu dono, e tomava tanto interêsse pelo bom êxito dos negócios do seu patrão, como êle próprio.

Passado um mês e meio de acampamento, em pleno deserto, John Smith caiu com febres palustres. As caçadas até ali haviam sido boas. Uma das camionetas, que viera carregada de víveres, estava quási esvasiada e já atulhada de peles salgadas e sêcas e havia já, também, uma tenda repleta de fardos de peles.

Os víveres chegavam á farta para o resto da temporada.

A água iam buscá-la a uma molola que distava uns duzentos metros do acampamento e que, depois de fervida e filtrada, ficava isenta de micróbios.

Mas a doença de John Smith vinha transtornar tudo. Contava levar as três camionetas cheias de fardos de peles mas, a continuar assim doente, os víveres iam-se consumindo e teria de retirar levando consigo apenas as peles que conseguira juntar até á data. Não podia mandar os seus prêtos sôzinhos á caça, porque bem sabia que, uma vez senhores da camioneta e munições, tentariam fugir. Mayombe havia já ido avisá-lo de que os prêtos se queriam ir embora.

Uma tarde, Malé, um dos motoristas, entrou na tenda onde John Smith, sôbre uma cama de campanha, ardia em febre.

— «Patrão, queremos ir embora.»

John Smith soergueu-se num cotovelo:

— «Ês só tu que te queres ir embora ou são todos?»

— «Somos todos.»

— «Está bem, iremos. Deixem-me melhorar para poder guiar a camioneta e empreender a viagem.»

— «Patrão não queremos esperar.»

— «Não querem esperar?! Então, o que é que vocês querem? Não vêem que os motoristas são dois e as camionetas são três? Quem leva a minha camioneta estando eu doente?»

— «Não queremos saber. Patrão fica, se quizer vai. Mas a gente quere ir para as nossas terras.»

— «Então vocês querem deixar-me morrer, para aqui, sózinhos?»

— «A gente quere ir para as nossas terras.»

— «Mas vocês comprometeram-se a passar três meses no deserto e para isso já receberam adiantado metade do soldo.»

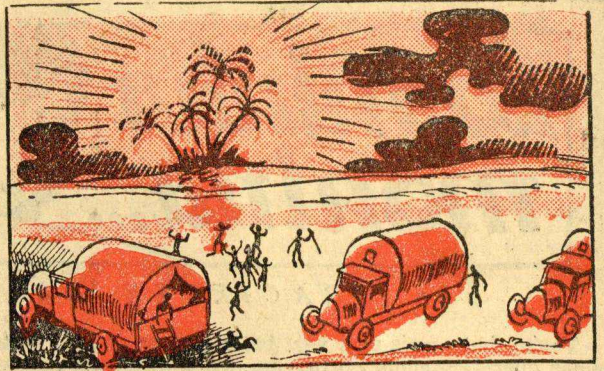
— «Mas agora já não queremos ficar.»

— «Está bem, vamo-nos embora logo que eu esteja melhor. E se eu não melhorar dentro de oito dias, abandono uma das camionetas e vocês guiarão as outras duas. Eu irei mesmo doente, estendido numa delas.»

— «Mas a gente quer ir hoje, mesmo.»

— «Estás muito exigente, Malé. Vocês só podem ir comigo, porque vocês não são destas regiões e não se orientam no deserto, onde não há uma estrada nem um caminho marcado. Nunca mais chegariam á costa nem a qualquer povoação. Ficavam para aí perdidos, mortos de fome e de sede...»

Malé não respondeu nada. Um clarão de ódio perpassou no seu olhar e saiu da tenda.



Eram cinco horas da manhã quando Mayombe, espavorido, entrou na tenda de John Smith.

— «Patrão... patrão... Malé e os outros roubaram comida e vão levar as duas camionetas... Estão prontos... Vão partir...»

John Smith, apesar de doente, levantou-se dum salto. Quiz andar mas as pernas vergaram-se-lhe. Então, num último esforço, pegou na sua carabina e deu a pistola a Mayombe dizendo-lhe:

— «Mayombe, eu vou intimá-los a ficarem. Nós não podemos ficar sós.»

— «Se eu morresse, tu morrerias também, porque aqui não passa ninguém, não há que comer e tu não sabes guiar a camioneta, nem sabes o caminho. É preciso impedir que êles partam. Se êles resistirem, atira-lhes.»

A luz do dia mal começára a romper. A custo se distinguíam os vultos. John Smith arrastou-se até á porta da tenda e gritou:

— «Façam alto! Aquele que tentar fugir, faço-lhe saltar os miolos!»

Uma gargalhada de escárnio acolheu a ameaça. Era Malé. Imediatamente a camioneta se pôs em andamento, seguida da outra.

John Smith disparou e Mayombe disparou em seguida seis tiros. Ouviu-se um grito mas as camionetas não pararam e, como resposta, partiram de lá tiros em tôdas as direcções.

— «Estão armados!» exclamou Mayombe!

— «Traidores, roubaram-me o armamento!»

John Smith disparou ainda outra vez mas as camionetas sumiam-se na penumbra. Deixou-se cair no solo. Um grande desânimo o invadia.

Mayombe ficou que tempos ouvindo o roncar dos motores que se perdia ao longe. Depois, uma grossa lágrima se desprendeu dos seus olhos. Êle bem sabia que ficava agora, inteiramente, á mercê do Destino.

— «Mayombe — murmurou John Smith — tem fé. Eu não morrerei. Hei-de pôr-me melhor e havemos de nos salvar. Eles, sim, é que vão morrer como castigo da sua traição. Malé é o responsável e, se chegar á costa vivo, a justiça o perseguirá. Mayombe, se viver, nunca me esquecerei de que me fostes fiel na hora mais trágica da minha vida. Hei-de recompensar-te pela tua dedicação.»

Malé e os outros seguiam caminho, cantando canções guerreiras das suas terras. Haviam roubado a cerveja tôda do acampamento e logo que se consideraram bastante longe para não poderem vir a ser alcançados pelo seu chefe, trataram de a beber. Ficaram embriagados. Quando retomaram os volantes, seguiram ao acaso. No dia seguinte beberam o resto da cerveja. No terceiro dia esgotaram a água tôda que levavam. No quarto dia tiveram sede. O quinto amanheceu quente; era o primeiro dia de calor do ano. O mês e meio que haviam passado no acampamento fora ainda de frio. Os dias haviam-se conservado nublados até ás três horas da tarde e geralmente só havia uma hora de sol em todo o dia...

Sufocavam de sede. O sol estava a pino.

Questionaram. Cada um optava por que se tomasse caminho diferente. Malé queria continuar a ser o chefe mas já ninguém lhe obedecia. Increpavam-se de não saber o caminho. Andavam há quatro dias sem conseguirem avistar a

(Continua na página 7.)





# COSTUMES PORTUGUESES

## TIPOS ALENTEJANOS



Casinhas brancas, caiadas, com lista, em redor e ao alto, tôda azul, azul cobalto, muito airosas e asseadas.

Eles com seus chapeirões, camisa branca, jaqueta, calça em cotim, faixa preta, ágeis, fortes, tamanhões.

Elas com lenços de abrigo e de chapéus desabados, durante a ceifa enfeitados com espiguinhas de trigo.

OS NOSSOS CONCURSOS  
ENCONTRAI RIMAS  
E FIXAI CONCEITOS

POR JOSINO AMADO



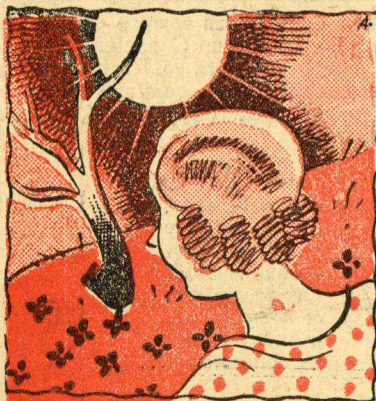
Respirai o ar dos campos,  
Para terdes fôrça à flux,  
Assim fazem piril.....,  
E até de noite dão l..!

Por isso, que a lusa gente  
Das serras, do litoral,  
Respire profundam....  
O bom ar de Port....!

## ■ CURIOSIDADE ■

por FRANCISCO DA FONSECA DIAS

— «Minha mãe, vem-me dizer,  
Porque queria saber,  
Quem pôs no céu tanta estréla  
A brilhar?»



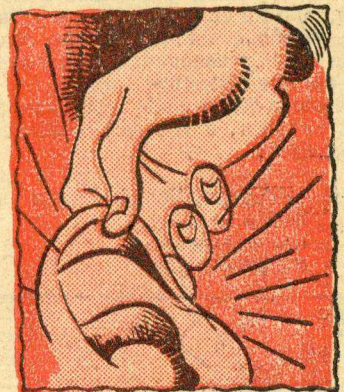
Quem deu à lua tão bela  
O luar?»

A mãe olhou para a filha  
E disse: — «Tudo o que brilha  
Lá nos céus,  
A lua com seu luar,  
As estrélas a brilhar,  
E' tudo obra de Deus!» —

— «E o sol que a todos aquece,  
Que um feixe de ouro parece,  
Redondinho como a lua,  
Foi feito por Deus também?» —

Diz a mãe:  
— «E' ainda, sim, obra sua!» —

— «E além, Mãe, aqueles montes,  
A água fresca das fontes,



As pedrinhas dos caminhos,  
As várias flores  
De mil cores,  
As aves com os seus ninhos?» —

Calou-se a mãe um momento,  
concentrando o pensamento,  
Mas logo diz pressurosa:

(Continua na pág. 7)



## TER INSTRUÇÃO

POR EMÍDIO MATIAS PINTO

**E**M certa aldeia do Minho,  
vivia rico senhor  
não havendo, ali pertinho,  
outro de tanto valor.

Em pequeno fôra pobre,  
pastara cabras na serra,



depois, juntou algum cobre  
e comprou pequena terra.

Esta terra produziu;  
grandes lucros lhe ofer'ceu;  
e assim êle progrediu  
e, portanto, enriqueceu.

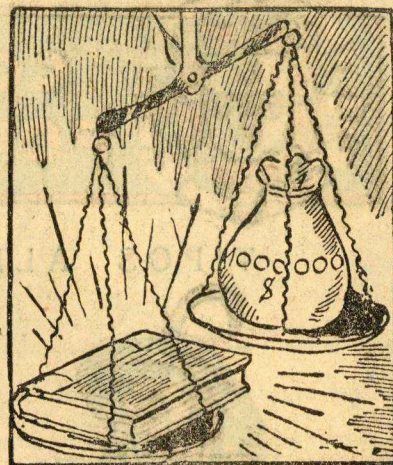
Era tolo e presunçoso,  
julgava o mundo reger..  
Afinal, êste orgulhoso  
nem, sequer, sabia ler.

Perto dele, residia  
um modesto lavrador  
que lutava, noite e dia,  
sempre num grande labor.

Gostava o rico senhor  
dos pòbrezinhos troçar;  
sobretudo um arador  
tentava sempre humilhar.

O pobre, um dia, pediu  
uns terrenos p'ra lavar;  
logo o rico o repeliu,  
depois de muito o véxar.

Sem mais poder suportar  
as injúrias recebidas,  
o pobre, sem hesitar,  
respondeu sem mais medidas:



— «Julgas ser grande senhor  
só porque dinheiro tens?!  
Mas não vês que o teu valor  
se reduz a poucos bens?!

Eu possuo outro tesouro  
que não tem comparação  
com êsse teu rico ouro...  
Eu possuo a instrução!»

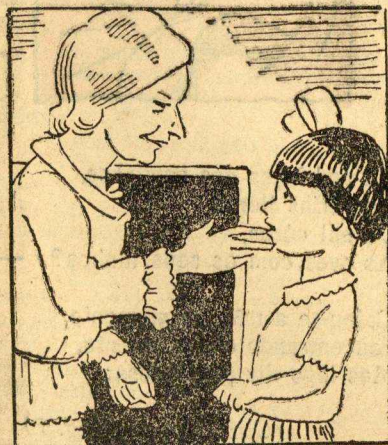
Ó pequeninos leitores,  
no que digo tomai tino:  
— «Amai vossos professores  
que vos ministram o Ensino!»

## NÃO FUI EU!... POR CARLOS AMOR

— «Não fui eu, (protestava a Rosinha,) não fui eu quem partiu a jarra!»  
— «Então quem havia de ser? retorquia a avó, ameaçando-a com o dedo. Eu sei que foste tu!»

Rosinha queria ainda negar mas uma voz íntima, a voz da Consciência, advertia-a:

— «Vamos, Rosinha, dize a verdade, que a falsidade é mais daninha



do que a maldade  
que praticaste.  
E, como é boa,  
a avó perdoa,  
se confessares.»

Os olhos de Rosinha encheram-se de lágrimas e, a custo, balbuciou:

— «Fui eu, fui; perdoa, avó!»

— «Assim, vês como és bonita? Já devias ter confessado.

Se o não fizeres, na tua alma o remorso jamais te deixaria de apouquentar.»

— «E porquê?»

— «Porque nós devemos assumir sempre a responsabilidade das nossas acções. Por isso, quando praticares um acto censurável, debes desculpar-te mas não com mentirolas, porque não é leal.»

— «Então, foi por eu ter confessado, que a avózinha me desculpou?»

— «Em parte foi...»

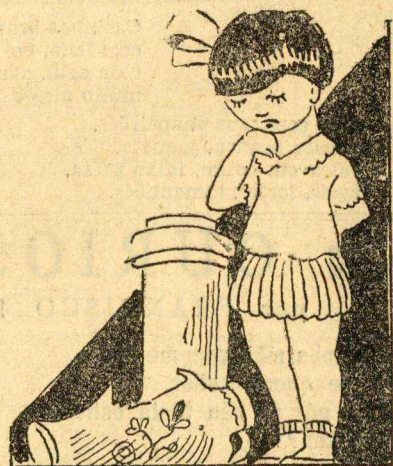
— «Porque não foi completamente?»

— «Ao princípio tentaste negar, mas como, por fim, te arrependeste, julguei por bem não te castigar.

Agora, podes ir brincar. Mas, antes, ouve:

Na tua idade, traquinice de pouca importância, não é grave; o pior é a mentira.

Portanto, nunca mintas; pois na Ver-



dade encontrarás sempre grande benefício para a tua Consciência.»

A lição não fôra vã. Rosinha aprendera nela o bom caminho a seguir, e nunca mais ouviu a tal vózinha dizer-lhe:

Vamos, Rosinha, dize a verdade, que a falsidade é mais daninha do que a maldade que praticares, e, como é boa, a avó perdoa se confessares...



## O LADRAO DE LUVA BRANCA

(Continuado da pág. 2)

de madrugada, adormeceu, à mesma hora a que as portas dos vizinhos se abriam.

No terraço de D. Carlota, via-se um pano vermelho. No chão, agita-se o quer que fôsse...

Para o senhor Bonifácio, deviam ter sido almas do outro mundo, mas simplesmente o bichano para as pessoas sisudas da casa.

Foi com ar de comprometido que a Felícia o foi achar enroscado na sua macia cama, sôbre a colcha de damasco de D. Radegundes — que até chorou ao vê-la.

Entretanto, o bichano ficou cheio de orgulho por ser, devido à sua es-perteza, confundido com «um ladrão de luva branca» e, o que é ainda maior motivo de orgulho, com «uma alma do outro mundo»!

Numa sessão solene, foi, finalmente, posta uma condecoração ao valente.

Foi o próprio Gervazinho, quem lhe colocou ao pescoço as insignias da «Cruz de Cortiça» pelo seu feito heroico.

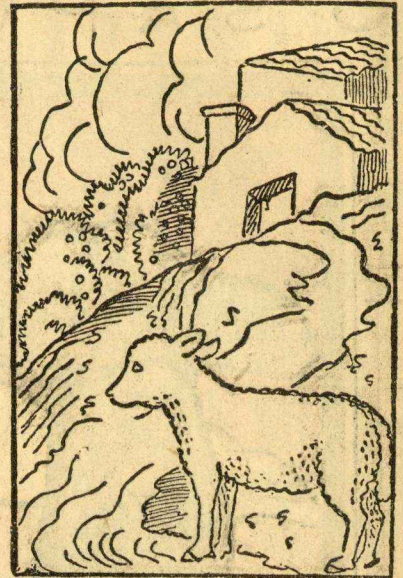
## A NOSSA CONSTRUÇÃO DE HOJE INSTRUÇÕES

Aqui está uma construção simples, para os mais pequeninos, que se arma facilmente e que é engraçada, pois é uma espécie de jogo de escondidas entre um mosquito e um sapo. Ora aparece êste com intenções bem pouco tranquilizadoras para o insecto, que se enconde atrás do cogumelo, ora desaparece, voltando a aparecer o mosquito, já tranquilizado com a ausência do sapo.

Principiem, pois:

Colem as base em cartão forte e as peças 1, 2 e 3 em cartolina, forte também, e recortem tudo com cuidado. Prendam, depois, as peças, fazendo coincidir os turos que tenham as mesmas letras, com uns ataches pequenos ou com uns fios, como mostra o esquema n.º 1. Mas vejam que apenas os furos A da peça 1 e B da peça 2, é que são prêsos à base. E, com isto, amigos pequeninos, está pronta a construção. Para pôr o sapo e o insecto a mexer basta apenas levantar ou baixar a haste da peça.

## A D I V I N H A



Uma velha camponesa é a dona desta ovelhinha. Onde está ela?

## C U R I O S I D A D E

(Continuação da página 5)

### A N E D O T A

Um sujeito novo-rico, ao comprar um piano, estava dando grande importância ao tamanho do instrumento e fazendo vêr ao logista que queria um dos maiores que se fabricassem.

—«É para uma menina nova que está crescendo — explicava êle — e não quero ter de lhe comprar outro daqui a um ano ou dois.»

—«Quanto êste mundo contém, O próprio mundo, também, E' criação milagrosa Da sua mão divinal!» —

—«Então, mãe, Deus andou mal, Pelo menos uma vez...»

Diz, franzindo as sobrancelhas... Açoites, puxões de orelhas, Foi o pior que Deus fez!...» —

## F I M

## AS MIRAGENS DO DESERTO (Continuado da pág. 4)

costa. Gesticulavam e falavam todos a um tempo mas nenhum tinha um plano preconcebido. Entroolhavam-se e, indecisos, continuavam a fitar o horizonte, quando, dilatando o olhar, apontaram a uns cem metros:

— Agua! Agua! »

— «Agua!» Exclamaram todos.

Surgiu na frente deles um imenso lago de águas tranquilas. Surpreenderam-se de ainda o não terem visto.

Correram para êle. Mas, andados uns cincoenta metros, o lago de repente desapareceu!

Entroolharam-se estupefactos. Depois olharam em torno de si. Lá estava o lago noutro sitio mas agora parecia mais pequeno e mais longe. Correram para êle mas, quando estavam quasi a alcançá-lo, o lago desapareceu.

De novo se olharam. Porque seria? «Cazumbi!»

Voltaram para trás. Andaram uns passos. Na sua frente surgia outra toalha líquida azulada, espelhante, rodeada de frondosas árvores que se reflectiam na limpidez da água.

Correram depressa com receio que ela fugisse também. E desapareceu de facto.

Vários lagos surgiram aqui e ali. Alucinados, começaram a correr nas diversas direcções em que êles apareciam

Alguns, exhaustos já, deixavam-se cair mordendo o pó. Malé ainda não perdera a esperança. Corria dum para outro lado... corria e a água desaparecia sempre, quando estava prestes a alcançá-la... Mas não parava e foi o último a cair.

Fitava a água ao longe, aquela água linda, tranquila, maravilhosa!

E morreu a olhá-la com delírio, sem poder bebê-la e a murmurar:

— «Agua! Agua! Cazumbi!»

Quando John Smith melhorou, com a ajuda de Mayombe carregou a camioneta que lhe restava, com as peles, os últimos víveres, um fornecimento grande de água, e meteu-se ao caminho. Como conhecia o deserto, soube orientar-se.

Ao fim dum dia de viagem, encontrou as suas camionetas. Longe, dissimulados, jaziam os cadáveres dos prêtos.

Mayombe olhava para êles, espavorido. Mas a John Smith bastou um olhar para compreender o drama da sede.

E, então, explicou a Mayombe:

—«Na época do cacimbo, isto é: — durante o inverno angolano, não há calor e o sol não chega a aquecer a areia.

Malé e os outros não tinham, por isso, ainda visto as miragens que só se produzem nos dias quentes e de sol.

Nesses dias aparecem nos desertos uns lagos, rios e até o mar, árvores e palácios que, ao aproximarmos-nos, desaparecem de repente: — São as miragens. (\*)

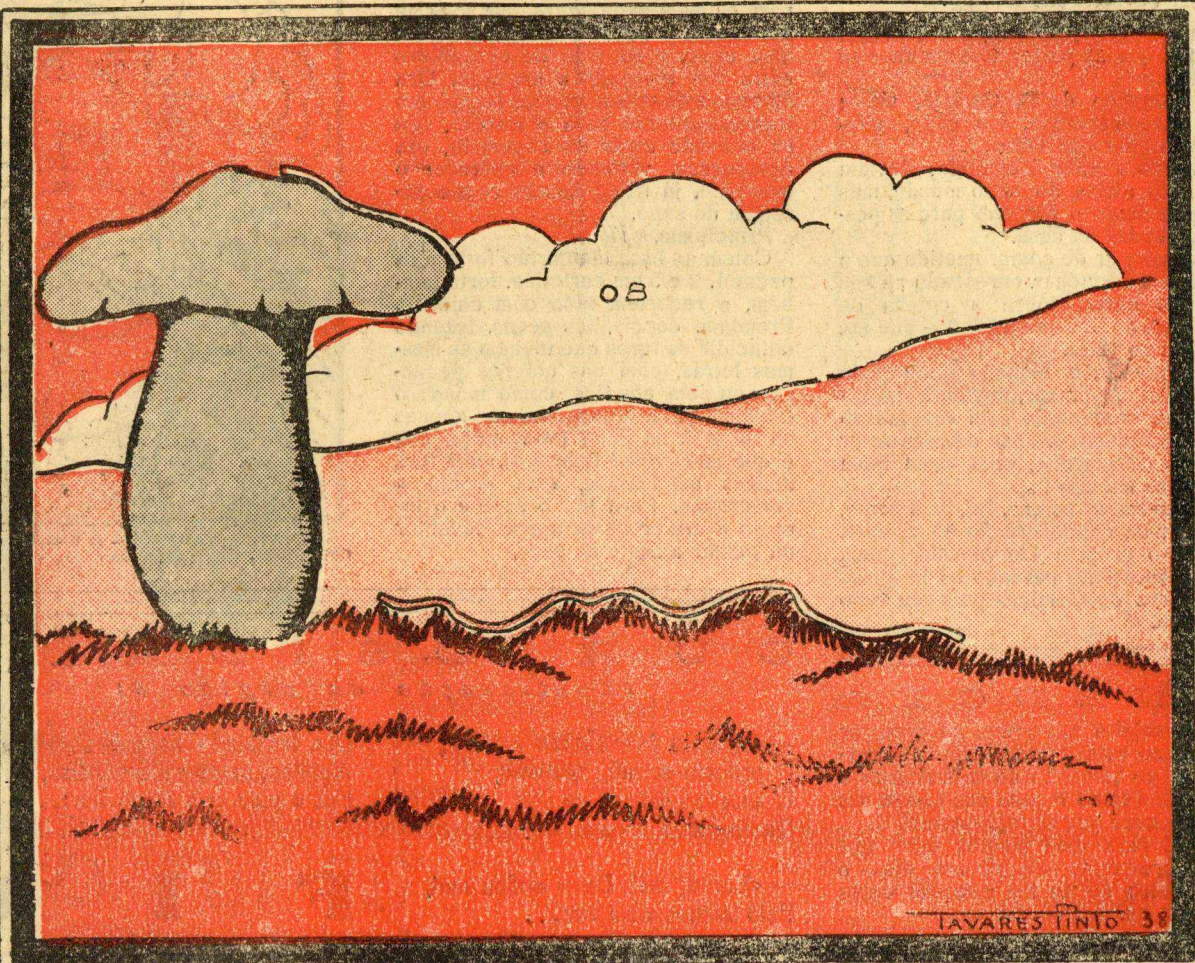
E' um fenómeno. A miragem mais vulgar é a da água.

A água parece mesmo que está ali mas não está. É um engano. Pois aqui tens; — Malé e os outros não souberam orientar-se, como tantas vezes lhes disse. Foram vítimas da sua traição. Sucumbiram torturados pela sede com a água das miragens á vista.

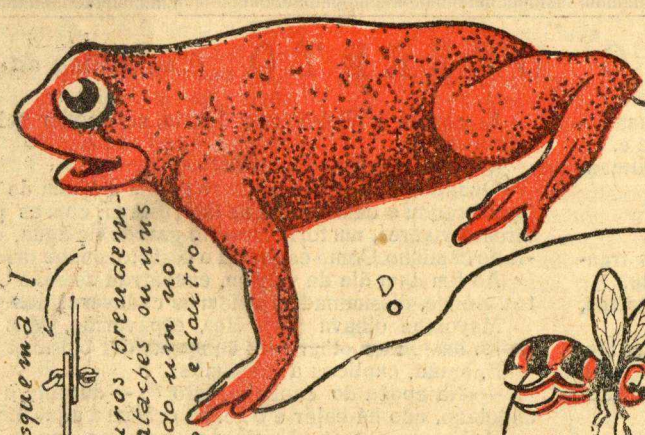
\* N. da A. Os prêtos de Angola, chamam cazumbi aos bruxedos. A miragem não é uma fantasia. É um fenómeno observado em vários desertos. Muitas vezes nas minhas viagens as vi.



# O SAPO E O INSECTO



TAVARES LINTO 38

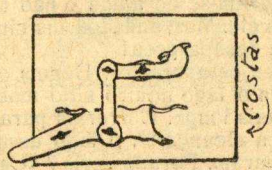
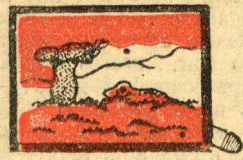


Base

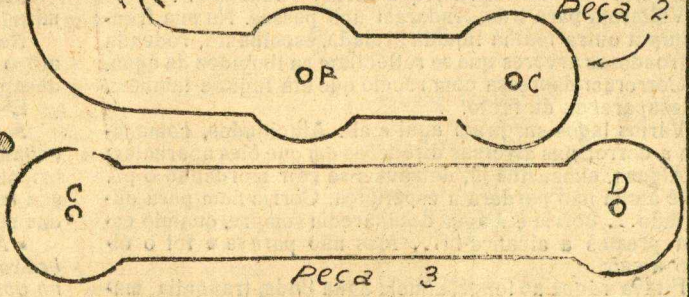
Peça 1



Os furos prendem-se com alças ou fios, dando um no de um lado e do outro.



Peça 2



# PARA-ARMAR

POR TAVARES LINTO